

As práticas conversacionais da/na Educação Museal Online: o que elas nos ensinam?

Online Museum Education Conversational Practices: what do they teach us?

Las prácticas conversacionales de la Educación en Museos en Línea: ¿qué nos enseñan?

Frieda Maria Marti

Museu de Astronomia e Ciências Afins, MCTI (COEDU/MAST)
friemc@gmail.com; friedamarti@mast.br
<https://orcid.org/0000-0001-7028-5062>

RESUMO

A Educação Museal Online (EMO) é uma noção e abordagem didático-pedagógica que busca compreender os 'fazeressaberes' da Educação Museal na/com a cibercultura. Tomando como ponto de partida a centralidade das conversas na EMO, este artigo tem como objetivo apresentar e dialogar com algumas práticas conversacionais forjadas nas/com as redes sociais digitais da SAE e seus praticantes seguidores, discutindo a sua relevância e potencialidades à luz da cibercultura e da Educação Museal na contemporaneidade. A ciberpesquisa-formação e as pesquisas com os cotidianos constituem as bases teóricas-metodológicas da pesquisa. As ações educativas museais online que forjam conversações, por meio da mediação museal online, fomentam a interatividade e a coautoria, e reafirmam a potencialidade das redes sociais digitais como ambientes de compartilhamento e de produção colaborativa de múltiplos conhecimentos, sentidos e de aprendizagens.

Palavras-chave: Educação Museal Online. Conversas. Práticas conversacionais. Educação Museal. Museu.

ABSTRACT

Online Museum Education (OME) is a didactic-pedagogical notion and approach that seeks to understand Museum Education in/with cyberspace. Understanding the centrality of conversations in OME, this article aims to present and dialogue with some conversational practices carried in/with SAE's social networks and their followers, discussing their relevance and potential considering cyberspace and of Museum Education in contemporary times. Cyber-research-education and the research with everyday life constitute the theoretical-methodological bases of the present research. Online museum educational actions that foster conversations, through online museum mediation, promote interactivity and co-authorship,

and reaffirm the potential of digital social networks as environments for the sharing and collaborative production of multiple knowledge, meanings, and learning.

Keywords: *Online Museum Education. Conversations. Conversational practices. Museum Education. Museum.*

RESUMEN

La educación en museos en línea (EMO) es una noción y un enfoque didáctico-pedagógico que busca comprender los "saberes-hacer" de la educación en museos en/con la cibercultura. Tomando como punto de partida la centralidad de las conversaciones en EMO, este artículo tiene como objetivo presentar y dialogar con algunas prácticas conversacionales forjadas en/con las redes sociales digitales de SAE y sus seguidores practicantes, discutiendo su relevancia y potencial a la luz de la cibercultura y de la Educación en Museos en tiempos contemporáneos. La ciberinvestigación-educación y la investigación con la cotidianidad constituyen las bases teórico-metodológicas de la investigación. Acciones educativas museísticas en línea que forjan conversaciones, a través de la mediación museística en línea, fomentan la interactividad y la coautoría, y reafirman el potencial de las redes sociales digitales como entornos de intercambio y producción colaborativa de múltiples saberes, significados y aprendizajes.

Palabras clave: *Educación en museos en línea. conversaciones Prácticas conversacionales. Educación museística. Museo.*

Introdução

Os novos arranjos ‘espaçotemporais’¹ e comunicacionais emergentes vêm desafiando o paradigma comunicacional massivo hegemônico e potencializando novos ‘fazeressaberes’ educativos. Este contexto digital, em rede (online), móvel e ubíquo vem transformando as relações entre a técnica e a vida social, produzindo novas linguagens e signos, forjando novos modos de ser, estar e sentir o mundo. A cibercultura é a cultura contemporânea mediada e estruturada pelas tecnologias digitais em rede na relação cidade/ciberespaço.

Os museus constituem importantes ‘espaçotempos’ de democratização e de popularização do patrimônio cultural e natural, assim como de formação do cidadão e de desenvolvimento das comunidades nas quais estão inseridos. São também lugares em que

1 Adotamos a junção de alguns termos, inspiradas em Nilda Alves e nas pesquisas com os cotidianos. Segundo a autora (2003, p.2), “a escrita conjunta desses termos, tem, também a ver com a busca de superação das marcas que em nós estão devido à formação que tivemos dentro do modo hegemônico de pensar, representado pela ciência moderna, na qual um dos movimentos principais é a dicotomização desses termos, vistos como pares, mas opondo-se entre si.” Portanto, seguindo a referida autora, escrevemos as palavras juntas, em itálico e entre aspas simples, mostrando, dessa forma, os limites e modos hegemônicos dessa herança de pensar e escrever, e indicando outros modos de ‘praticasteorias’.

experiências de ‘aprendizagem ensino’ sempre foram vivenciadas e praticadas de formas diversas. Essas práticas, por sua vez, vêm sendo influenciadas pelos contextos históricos e sócio-políticos vivenciados por essas instituições e seus praticantes² desde o surgimento dessas instituições.

A pandemia de COVID-19 desvelou os múltiplos desafios e oportunidades que o cenário sociotécnico contemporâneo vem apresentando aos museus e seus profissionais em relação às suas práticas comunicacionais e educativas. Cabe destacar, entretanto, que as tecnologias (analógicas e/ou digitais) sempre fizeram parte do cotidiano museal nos seus diversos setores e funções (MARTI, 2021). No que tange à função educativa dos museus, em nossa pesquisa de Doutorado em Educação que buscou compreender a Educação Museal na/com a cibercultura a partir de nosso mergulho nos cotidianos das redes educativas da Seção de Assistência ao Ensino do Museu Nacional (SAE), suas redes sociais digitais e seus praticantes, a Educação Museal Online (EMO) emerge como noção e abordagem didático-pedagógica que

pressupõe, em primeira mão, a compreensão dos museus e de suas redes sociais digitais, ou outras presentificações online, como redes educativas e espaços multirreferenciais de aprendizagem em que o diálogo - as conversas - com/entre os praticantes culturais (os públicos e públicos não habituais) está na centralidade de suas ações educativas, fomentado pela mediação museal online que aciona e promove a criação e a socialização de conhecimentos, aprendizagens, sentimentos, emoções, inquietações, invenções em interatividade e em um ambiente em que múltiplas relações (intelectuais, cognitivas, psicossociais, culturais, históricas, etc.) são tecidas em horizontalidade. O uso do digital em rede se insere nesse contexto como meios e interfaces culturais que potencializam essas criações e trocas que se presentificam e são representadas em textos, imagens e sons (MARTI, 2021, p. 277).

Tomando como ponto de partida a centralidade das conversas nos ‘fazeressesaberes’ da EMO, este artigo tem como objetivo apresentar e dialogar com algumas práticas conversacionais forjadas nas/com as redes sociais digitais da SAE e seus praticantes seguidores, e discutir sua relevância à luz da cibercultura e da Educação Museal na contemporaneidade. Para tal, lançamos mão das bases teórico-metodológicas e práticas da ciberpesquisa-formação (Santos, 2014, 2019) e das pesquisas com os cotidianos (Alves,

2 Segundo Certeau (2014), os praticantes culturais (ou praticantes) são os ‘homens comuns’, o ‘homem ordinário’, os usuários e participantes que vivem e se envolvem dialogicamente com as práticas cotidianas, não apenas consumindo os produtos culturais hegemônicos, mas usando-os de formas inesperadas.

2008, 2019), acionando dispositivos³ que nos ajudaram a “captar singularidades, pluralidades, objetividades e subjetividades de uma realidade em uma pesquisa” (SANTOS; CARVALHO; MADDALENA, 2017, p.197).

Considerando as potencialidades das conversas aqui apresentadas e atentando para as questões éticas e jurídicas relativas à captura de dados na internet, optamos por ocultar parte dos nomes dos praticantes seguidores online, ou apenas colocar suas iniciais, resguardando, assim, a preservação da respeitabilidade, privacidade e honra do sujeito, conforme citado na Constituição Federal da República de 1988 e no Código Civil Nacional de 2002 no que tange ao direito de imagem.

“Pra início de conversa”: sobre a importância das conversas na/para a ‘prácticapesquisa’ em Educação

Alves et al. (2016) chamam a atenção sobre a importância das conversas como atividade cotidiana

Porque todos os momentos de viver são cotidianos e neles formamos redes que nos formam nas nossas relações, quer em nossos espaçostempos escolares, quer nos espaçostempos das ciências, seus praticantespensantes têm nas “conversas” momentos permanentes de ser humano. (p. 27)

Segundo as autoras, além de possibilitar tessituras de conhecimentos diversos, as conversas vão posteriormente se tornar, nas pesquisas com os cotidianos, personagens conceituais a partir dos quais é possível “pensar e articular ideias, formando os ‘conhecimentossignificações’ possíveis aos processos de pesquisa que desenvolvemos” (ALVES et al., 2016, p. 28).

Certeau aponta que em uma conversa não há proprietários individuais, pois

as retóricas da conversa ordinária são práticas transformadoras “de situação de palavra”, de produções verbais onde o entrelaçamento das produções locutoras instaura um tecido oral sem proprietários individuais, as criações de uma comunicação que não pertence a ninguém. A conversa é um efeito provisório e coletivo de competências

³ Compreendemos como dispositivo “a organização de meios materiais e/ou intelectuais, fazendo parte de uma estratégia de conhecimento de um objeto” (ARDOINO, 2003, p. 80).

na arte de manipular “lugares-comuns” e jogar com o inevitável dos acontecimentos para torná-los “habitáveis”. (2014, p. 49)

E não havendo proprietários individuais, a conversa possibilita a horizontalidade e imprevisibilidade dos encontros e dos dizeres. Neste sentido, pensamos que forjar conversações em contextos educacionais permite a descentralização da figura do/a ‘docente’ como o/a proprietário/a da palavra, possibilitando a abertura de lugares de fala para outras vozes e a tessitura e partilha de múltiplos sentimentos, experiências e ‘conhecimentossignificações’ para além dos instituídos hegemonicamente.

Carlos Skliar nos ajuda a refletir sobre a importância da conversa no contexto educacional quando afirma que

Uma conversa é, essencialmente, um gesto pedagógico, à medida que educar pode ser compreendido como o modo de conversar a propósito do que faremos com o mundo e com a vida, o que farás de melhor com o mundo e como te tornarás responsável por tua vida. Como um gesto pedagógico, conversar se dirige não tanto àquilo que as coisas são, mas àquilo que há nas coisas. Conversa-se não tanto sobre um texto, mas sobre seus efeitos sobre alguém, conversa-se não tanto sobre um saber, mas sobre suas ressonâncias em nós, conversa-se não para saber, mas para manter tensas as dúvidas essenciais: o amor, a morte, o destino, o tempo. [...] A educação, como dito, é o enclave da conversa. Por mais que façamos das escolas lugares tecnificados e de mero lucro, o que sustenta a comunidade é a potência da conversa. [...] Uma conversa não é apenas uma tomada de posição; é, sobretudo, uma forma de exposição: me exponho à intempérie da incompreensão, da intraduzibilidade, do que não sou capaz de dizer, da impotência. E me exponho, também, ao que virá e não se pode saber de antemão, me exponho à outra exposição. E assim, penso. Afinal, aprendemos da igualdade ou na igualdade? Curiosa diferença de foco. Porque isto é uma conversa: o instante em que o mundo parece e é muito mais belo que de costume. (2018, p. 12-13)

Como dispositivos de pesquisa, as conversas nos oferecem outras formas de compreender os cotidianos praticados, os ‘espacostempos’ de invenções, e abrem novos caminhos para a pesquisa e produção de dados, oferecendo ao pesquisador condições outras de relacionamento com as redes de relações entre os cotidianos e seus praticantes (FERRAÇO; ALVES, 2018 apud CERTEAU, 1994).

Para Santos, Carvalho e Maddalena

Trabalhar com a conversa como dispositivo de pesquisa é estar aberto a fala do e com o outro. É ter uma escuta sensível (BARBIER, 2002) e apurada do que se conversa, que são os falantes e em qual cenário a conversa se situa. Conversar é um jogo de idas e vindas entre

negociações e buscas por significados e sentidos. Sendo, portanto, um jogo de tensões e de problematizações, do qual emergem dados genuínos, complexos e ricos para a pesquisa acadêmica. (2017, p. 202)

A formação crítica e integral do indivíduo é compreendida, na Educação Museal, como seu principal objetivo que, por sua vez, possibilitaria a sua emancipação e atuação consciente e transformadora na sociedade.

Neste contexto, a Educação Museal é uma peça no complexo funcionamento da educação geral dos indivíduos na sociedade. Seu foco não está em objetos ou acervos, mas na formação dos sujeitos em interação com os bens musealizados, com os profissionais dos museus e a experiência da visita. Mais do que para o “desenvolvimento de visitantes” ou para a “formação de público”, a Educação Museal atua para uma formação crítica e integral dos indivíduos, sua emancipação e atuação consciente na sociedade com o fim de transformá-la. (COSTA, et al., 2018, p. 73-74)

Portanto, além de sua importância como dispositivo de pesquisa, a conversa torna-se elemento central de ações educativas museais, uma vez que essas se baseiam e são forjadas numa

relação dialógica entre educadores e educandos, que pressupõem etapas de planejamento e avaliação, que envolve uma multiplicidade de atividades, voltadas para públicos tão diversos quanto à sociedade e que deve ser realizada por profissionais com formação adequada, relações de trabalho estáveis, que promovam legados institucionais e atuem no sentido de promover uma educação crítica e transformadora. (TOLENTINO; CASTRO, 2020, p. 244)

Entendemos, portanto, que esta relação dialógica está na centralidade de situações de aprendizagens e de formação do sujeito, pois como já nos ensinou Paulo Freire

não seria possível à educação problematizadora, que rompe com os esquemas verticais característicos da educação bancária, realizar-se como prática da liberdade, sem superar a contradição entre o educador e os educandos. Como também não lhe seria possível fazê-lo fora do diálogo. É através deste que se opera a superação de que resulta um termo novo: não mais educador do educando, não mais educando do educador, mas educador-educando com educando-educador.

Desta maneira, o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa.

Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os “argumentos de autoridade” já não valem. Em que, para

ser-se, funcionalmente, autoridade, se necessita de estar sendo com as liberdades e não contra elas.

Já agora ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo. (FREIRE, 2019, p. 95-96, grifos do autor)

Por isso lançamos mão de práticas educativas museais conversacionais nas redes sociais da SAE para que essas se tornassem espaços relacionais e que possibilitassem a emergência de criação e socialização de conhecimentos e aprendizagens.

A seguir narramos e dialogamos com algumas experiências de práticas conversacionais forjadas nas/com o Instagram e o Facebook da SAE e seus praticantes seguidores, que nos ajudaram a compreender a importância e centralidade das conversas na Educação Museal Online.

“É conversando que a gente se entende” ... e ‘aprendeensina’: algumas conversas nas redes sociais digitais da SAE

Uma das primeiras ações educativas museais online da SAE que pretendia gerar uma ambiência conversacional com os seguidores lançou mão da seguinte pergunta disparadora no Instagram do setor.

Olá Pessoal!! Lembram do nosso Stories sobre os gatos no Museu? Se você pensou na exposição Egito Antigo, acertou! Essas fotos são das três múmias de gatos expostas no Museu Nacional. Mas por que os egípcios mumificavam os gatos? Vamos conversar? (INSTAGRAM da SAE, 2018, online)

As narrativas emergentes a partir da pergunta disparadora, como pode ser visto a seguir, materializam as memórias, as emoções, os sentimentos e ‘conhecimentossignificações’ dos praticantes que decidiram participar da conversa.

caz @museudeastronomia

alai Vamos!! Rrsrs, pq mumificavam os gatos?

saemuseunacional @lai foi o que perguntamos. Quer arriscar uma resposta? Vamos lá! 😊

alai @saemuseunacional acredito que por serem animais de estimação deveriam ser mumificados para acompanharem seus donos na vida pós morte?

saemuseunacional @lai eram só de estimação? Que outras qualidades eram dadas aos gatos?

alai @saemuseunacional Pelo pouco que me lembro das aulas de Antiguidade, pode ser também pelo fato de associarem animais as suas divindades..?

saemuseunacional @lai bem lembrado! 😊

alai Obs: Estive no museu há quase 3 anos e quase tive um treco com as múmias que vocês tem, sou muito medrosa e fiquei apavorada

saemuseunacional @lai ahhh, ms pq vc ficou com medo!? Elas são tão inofensivas. 😊😊

fabi Eu amei ver as múmias...mas tinha esquecido dos gatos. Eles eram sagrados para os egípcios...nao é?

saemuseunacional @fabi sim...os gatos eram sagrados. Sabe por quê?

Luzia Para fazer companhia aos mortos ilustres quando acordassem??

saemuseunacional @luzia também

saemuseunacional @luzia mas depois de um certo período as mumificações não eram exclusivas dos faraós

saemuseunacional alguém lembra o nome dado à deusa/divindade gato do Antigo Egito?

carol @saemuseunacional Bastet!

saemuseunacional @carol sim! E qual era a representação de Bastet? Uma dica: era uma deusa

carol @saemuseunacional não entendi a pergunta hahaha

saemuseunacional @carol ela era uma deusa que representava o que? Por exemplo: o deus Horus era o protetor dos faraós e das famílias. E Bastet?

carol @saemuseunacional hmmm na dúvida eu chuto fertilidade hahaha

saemuseunacional @carol boaaa!!! Bastet, a deusa gata, era a deusa da fertilidade e deusa da fertilidade e protetora das mulheres! 😊

patricia Qual a simbologia desta divindade? Alguém sabe?

patricia Por que ela era cultuada nesta civilização?

badga Se nos esforçarmos para lembrar, podemos pensar em outros animais que foram mumificados por ter um grande significado para os egípcios e hoje são expostos nas vitrines do Museu. 😊

saemuseunacional @poh verdade! Alguém lembra de outros animais mumificados na exposição do Museu?

patricia Sim. Verdade... Quem for ao Museu Nacional verá que existem outros animais mumificados.

saemuseunacional @patricia e quem não puder ir, a gente pode mostrar aqui tb! 😊

patricia Claro!

mea @nina veja este post e leiam os comentários. O que vc acha disso tudo?

mea @left

***saemuseunacional** Olá pessoal! A conversa foi ótima! Vimos que, além de seres humanos, os egípcios também mumificavam animais. E o mais popular deles eram os gatos. Os antigos egípcios acreditavam na intervenção divina mediada por um animal mumificado, e essa crença levou ao surgimento de um "mercado" de mumificação de animais, ao ponto de existir criadouros e abatedouros para o fornecimento de corpos para a mumificação. A popularidade e adoração aos gatos está provavelmente relacionada ao fato dos gatos caçarem os ratos que atacavam os grãos armazenados. Os gatos mumificados eram oferecidos à deusa gata Bastet. Interessante, não é?*

Percebemos como a conversa aciona as memórias, as emoções e ‘conhecimentossignificações’ na narrativa de ‘Alai’, quando a praticante compartilha sua memória de visita à exposição do Egito Antigo no Museu Nacional e externa seu medo e pavor ao estar diante das múmias, mas mesmo assim também se mostra interessada em participar e compartilhar seu conhecimento sobre o tema tratado, ainda que de forma hesitante, pois inicialmente ela espera que a resposta venha de nós e só arrisca responder quando motivada por nós.

‘Alai’ também nos deixa uma pista sobre suas experiências de aprendizagens prévias e formação acadêmica quando a praticante recorre às suas memórias e aprendizados das aulas de Antiguidade para assim responder uma nova pergunta nossa acionada por um dos seus comentários.

A conversa vai sendo, assim, conduzida por meio de uma mediação, a que nomeamos de mediação museal online, que faz constantes provocações a partir das intervenções da/os praticantes, sempre tentando oferecer oportunidades de intervenções e personalizações da mensagem que vai sendo produzida na coletividade todos-todos, aberta à recombinação, modificação e recomposição, pois como Silva (2003) enfatiza ao discutir os fundamentos da aprendizagem online,

o emissor não transmite mais no sentido que se entende habitualmente. Ele não dispara mais uma mensagem fechada no modelo um-todos, ao contrário, oferece um leque de dados associados a possibilidades de manipulações no modelo todos-todos. O receptor não está mais em posição de audiência de massa, uma vez que a Internet não é mídia de massa. Portanto, a mensagem só toma todo o seu significado sob sua intervenção personalizada.

Enquanto teleintraínterante, o receptor torna-se autor da comunicação e da aprendizagem. Por sua vez, a mensagem aberta à manipulação, à operatividade, pode ser recomposta, reorganizada, modificada em permanência sob o impacto cruzado das intervenções do sujeito e dos algoritmos do sistema digital, perdendo assim o estatuto de mensagem transmitida.

Na cibercultura o esquema clássico da informação que se baseia na ligação unidirecional emissor-mensagem-receptor se acha mal colocado. (SILVA, 2003, p. 53)

Deste modo, a mensagem vai sendo produzida em interatividade, a partir de múltiplas intervenções, como a da praticante 'Fabi' que se junta à conversa ao compartilhar sua memória e sentimento de sua visita logo após o comentário de 'Alai' sobre seu medo diante das múmias, forjando um novo momento conversacional quando as praticantes compartilham suas emoções sobre seus encontros com as múmias do Museu Nacional. Um momento conversacional criado pelas praticantes que alteram de certa forma o desencadeamento da conversa, mas que logo em seguida retorna ao tema proposto quando 'Fabi' também arrisca uma resposta e 'Luzia' participa da conversa ao responder uma provocação nossa direcionada à 'Fabi'.

Nessas tessituras de conhecimentos, sentimentos, emoções e memórias que vão se dando no Instagram da SAE com as participantes da conversa, a praticante 'Carol' mostra seu engajamento quando responde e demonstra dúvidas em relação às nossas novas provocações que visavam estender a conversa para assim poder desenvolver a produção coletiva de conhecimento sobre o tema.

Essa experiência conversacional com as praticantes do Instagram da SAE, nos levou a compreender ainda mais nosso papel como educadora museal online não como o de transmitir conhecimentos, mas sim como de criar oportunidades para sua produção coletiva, pois segundo Santos (2005, 2014, 2019), as potencialidades comunicacionais do digital em rede possibilitam situações de aprendizagem em interatividade, ou seja, em construção colaborativa entre 'receptores' (seguidores da SAE) e 'emissores' (educadores museais) que podem intervir fisicamente na mensagem tanto síncrona quanto assincronamente.

Ao discutir e apresentar o binômio bidirecionalidade-hibridação, um dos fundamentos da interatividade, Silva (2012, p. 137) afirma que a crítica ao esquema comunicacional clássico vem ocorrendo desde a década de 1960 com base em uma nova concepção de comunicação que pressupõe que "só existe comunicação a partir do momento em que não há mais emissor, nem receptor e a partir do momento em que todo emissor é potencialmente um receptor e todo receptor é potencialmente um emissor". As críticas à comunicação unidirecional eram voltadas aos detentores dos meios de comunicação massivos que, ao lançarem mão de uma comunicação massiva, produziam uniformizações de atitudes e de comportamentos sociais (SILVA, 2012).

O autor (2012) se inspira nas discussões e usos da comunicação bidirecional levadas a cabo pelos experimentos e debates sobre a teledifusão e nas relacionadas às artes e literatura, especialmente em Hélio Oiticica e seu Parangolé, Umberto Eco e a noção de obra aberta, e Couchot e a interatividade numérica, para articular e propor um dos pilares/fundamentos do conceito de interatividade – o binômio bidirecionalidade-hibridação - e forjar e discutir a importância deste conceito para a educação contemporânea⁴.

Na conversa compartilhada anteriormente, tanto a bidirecionalidade-hibridação, a participação-intervenção e a permutabilidade-potencialidade (os três binômios da interatividade) podem ser observadas, uma vez que as praticantes são provocadas a serem coautoras da mensagem, acionadas por nossa mediação museal online, porque busca justamente fomentar essa participação ativa em que se estabelecem trocas e partilhas diversas, resultando em uma produção coautoral e colaborativa e que, na narrativa apresentada foi concluída a partir das colaborações das praticantes.

De acordo com o Caderno da PNEM, “a mediação é compreendida como interação e diálogo que valoriza e dá voz ao outro, ampliando horizontes que levam em conta a singularidade dos sujeitos em processos educativos na escola ou fora dela”, considerando “o ser humano como um ser histórico e social inserido em sua cultura” (IBRAM, 2018, p. 85). Entendemos a mediação na perspectiva apresentada no Caderno da PNEM, apesar de discordarmos da afirmativa de que a mesma ‘dá voz ao outro’, pois sabemos que voz todos temos. Porém, o que precisamos são espaços e oportunidades para que múltiplas vozes sejam ouvidas, reconhecidas e legitimadas. Sendo assim, entendemos que a noção de mediação apresentada pelo Caderno da PNEM deva oportunizar a emergência de múltiplas e diversificadas vozes em diálogo entre si e o museu.

Na Educação Online, segundo Santos (2005, 2014, 2019) e Silva (2003), a mediação é considerada uma prática de mobilização de partilhas, trocas, colaborações, autorias e aprendizagens críticas e colaborativas forjadas a partir da interatividade que se estabelece por meio de relações conversacionais em que os sujeitos da comunicação não são diferenciados em emissor ou receptor e que pressupõe a participação-intervenção, a bidirecionalidade-hibridação e a permutabilidade-potencialidade. (SANTOS; CARVALHO; PIMENTEL, 2016)

⁴ Em seu livro, “Sala de Aula Interativa”, Marco Silva apresenta e discute em detalhe os artistas citados, destacando como a noção de interatividade tem inspirações na contracultura.

Na conversa online sobre a mumificação dos gatos no Antigo Egito, as relações conversacionais ocorrem entre os praticantes participantes e a SAE (educadora museal), ou seja, estes se dirigem à SAE para compartilharem suas memórias, sentimentos, emoções e conhecimentos. As praticantes 'Alai', 'Fabi', 'Luzia' e 'Carol', por exemplo, conversam diretamente conosco (@saemuseunacional) e não entre si, embora possamos considerar que o comentário da praticante 'Fabi' - "Eu amei ver as múmias...mas tinha esquecido dos gatos. Eles eram sagrados para os egípcios...nao é?" - seja uma resposta ao comentário da praticante 'Alai' que expressa o medo e o pavor ao ver as múmias da exposição - "Obs: Estive no museu há quase 3 anos e quase tive um treco com as múmias que vocês tem, sou muito medrosa e fiquei apavorada".

Este exemplo de conversação online, de acordo com Santos; Carvalho e Pimentel (2016), representaria um estágio intermediário (todos - um) entre a comunicação do tipo um-todos (comunicação massiva) e a comunicação todos-todos (interatividade plena). No entanto, como nosso objetivo principal é forjar conversas com e entre os praticantes seguidores, pois a Educação Online e a noção de redes educativas nos inspira à compreensão de que "a educação autêntica não se faz de A para B ou de A sobre B, mas de A com B, mediatizados pelo mundo" (FREIRE, 2019, p. 116) e de que o conhecimento é tecido em rede e como obra aberta (ALVES, 2019; SILVA, 2012) onde tanto 'emissor' quanto 'receptor', em interação e colaboração, participam de sua produção, consideramos essa tentativa inicial de ação educativa museal online como bem sucedida, uma vez que procura romper com o paradigma clássico da comunicação unidirecional e da educação bancária (FREIRE, 2019), assim como procura romper com o padrão de transmissão de conhecimentos científicos, onde este é publicado já pronto, dado, como obra fechada, sem possibilidade de intervenção/mediação e/ou conversa, como já observamos em outras redes sociais digitais de museus brasileiros e internacionais, e como nos inspira a discussão acerca da popularização da ciência desenvolvida por Germano e Kulesza que compreendem e situam a mesma "no campo da participação popular e sob o crivo do diálogo com os movimentos sociais" (GERMANO; KULESZA, 2007, p. 20).

Ao darmos continuidade às ações educativas museais online no Instagram e Facebook da SAE, vivenciamos outros momentos de interatividade forjadas pela mediação museal online em que os praticantes participantes partilham momentos de 'ensinoaprendizagem' e 'aprendizagemensino' museal online. Uma dessas atividades ocorreu durante a Copa do Mundo, e buscava criar vínculos entre os países participantes do

evento e o Museu Nacional. Na publicação realizada no dia do jogo Irã e Espanha, lançamos nas redes uma ação educativa museal online sobre a flor do açafrão (Figura 1).



Figura 1 – Conversa sobre a Flor do Açafrão

Fonte: < <https://www.instagram.com/saemuseunacional/?hl=en>>

A conversa que se desenvolveu a partir da pergunta disparadora: “A bola está rolando! Espanha e Irã em campo, e a COPA da SAE lança o desafio: quem conhece essa flor e como ela une os dois países citados? Vamos conversar? Deixe a sua sugestão nos comentários.”, foi a seguinte

deia 🤔🤔🤔

ictiologia_museu_nacional 🙋

saemuseunacional @ictiologia_museu_nacional *deixe a sua sugestão* 😊

ictiologia_museu_nacional @saemuseunacional *açafrão ;)*

saemuseunacional @ictiologia_museu_nacional *bingo!!*

saemuseunacional *Sabemos agora que é a flor do açafrão! E como Irã e Espanha estão ligados por essa flor?* 🤔

rrsz *É conhecida especiaria espanhola desde o século x trazida à Espanha pelos árabes, foram encontradas pinturas rupestres com pigmentos de açafrão no Irã a 50.000 anos, o Irã é o maior produtor mundial.*

saemuseunacional @rocha *que beleza!!! Na Espanha o açafrão é usado na paella, um prato mto típico de lá! E o Irã produz cerca de 90% do açafrão do mundo!!*

saemuseunacional @rocha *sabemos que o açafrão foi usado em pinturas rupestres e que em persa o nome significa "ouro do deserto".*

ictiologia_museu_nacional @saemuseunacional *me lembro de ter lido alguma vez de alguém que se banhava com açafrão para parecer de ouro. Vou ver se acho quem era*

rrsz @ictiologia_museu_nacional como já aprendi sobre o açafirão e história só com essa brincadeira, foi muito legal isso!!!

ictiologia_museu_nacional @rocha achei, Cleópatra aparentemente se banhava com água de açafirão para ficar com um brilho dourado

saemuseunacional @rocha nosso objetivo é fazer uma mediação como se estivéssemos no museu físico. É por meio de conversas assim que aprendemos uns com os outros. 😊

saemuseunacional @ictiologia_museu_nacional que informação interessante!! Imagina fazer isso nos dias atuais, com o preço do açafirão?!?!

dean 😊😊👏👏👏...

Desta vez, no Instagram, tivemos a participação de um integrante do Setor de Ictiologia do Museu Nacional que, inicialmente, ‘levanta a mão’ como se estivesse pedindo permissão para falar usando um emoticon de ‘levantar o braço’. Essa reação é interessante e nos surpreende, pois nos faz refletir o quanto estaríamos reproduzindo um ambiente de sala de aula presencial clássica, em que o ‘aluno’ pede licença para poder falar, sendo que esse não é nosso objetivo. E se não tivéssemos respondido “deixe sua sugestão”? Será que haveria uma resposta? Essa ocorrência nos faz lembrar a discussão sobre docência e mediação online de Santos sobre potencializar a aprendizagem dos alunos.

Quando conseguimos que os estudantes *online* soltem suas vozes, suas narrativas, suas imagens, suas oralidades, podemos dizer que a docência *online* realmente foi vivenciada. A máxima de Freire “não existe docência sem discência” é proposição também para a docência *online*. (SANTOS, 2019, p. 145)

Compreendemos que a Educação Museal corresponde a um outro contexto formacional e de ‘aprendizagemensino’, mas mesmo assim desejamos criar um ambiente conversacional online em que todos possam conversar com todos em horizontalidade. Desejamos que os praticantes seguidores das redes da SAE se sintam à vontade para tecer ‘conhecimentossignificações’ conosco e com os demais participantes sem a obrigação de pedir licença. Esse comportamento nos remete ao tema acerca da disputa entre autoridade e autoria no museu levantado por Parry (2007) ao discutir as potencialidades comunicacionais do digital em rede para fomentar a participação ativa de comunidades diversas nos/com os museus. O autor argumenta que o uso do digital em rede poderia abrir espaços para vozes outras que não apenas a dos curadores de museus, alcançando desta forma os não visitantes e reunindo uma diversidade de narrativas e interpretações para

além das esperadas. Entretanto, é importante refletir que “prácticasteorias” precisam ser acionadas para fomentar essa participação e horizontalidade de falas.

Naquele momento da mediação não havíamos percebido e/ou refletido sobre essa ocorrência, mas somente agora, retornando à conversa, é que pudemos pensar melhor com essas narrativas as nossas práticas de mediação museal online, “para ir além do já sabido” (Andrade; Caldas; Alves, 2019) e ‘fazerpensar’ ações educativas museais online e mediações museais online que gerem gradualmente um sentimento de que a participação é livre e pode ser manifestada não apenas como resposta a nossa pergunta disparadora, mas também como um comentário direcionado a outro seguidor, um questionamento, partilhando uma dúvida, socializando outros links e leituras, etc., ou seja, compreendendo que “a participação online se dá como estratégia de coautoria” (SANTOS, 2019, p. 145).

Essa estratégia de coautoria se revela no desenrolar da conversa sobre o açafirão quando, logo após a nossa resposta, @ictiologiadomuseunacional nomeia e identifica corretamente a flor e, ao darmos continuidade à mediação, o praticante Rocha se junta à conversa para compartilhar seu conhecimento sobre o assunto, e @ictiologiamuseunacional nos presenteia com mais informações de cunho histórico sobre o uso do açafirão. Percebemos o interesse, a satisfação e a motivação dos praticantes ao participarem desta ação educativa museal online, uma vez que durante o desenrolar da conversa, @ictiologiamuseunacional narra sua memória de leitura sobre “alguém que se banhava com açafirão para parecer de ouro”, e declara que irá pesquisar mais sobre para depois compartilhar conosco: “Vou ver se acho quem era”. Além disso, Rocha revela estar muito satisfeito com o quanto aprendeu com o que para ele seria uma ‘brincadeira’: “como já aprendi sobre o açafirão e história só com essa brincadeira, foi muito legal isso!!!” As relações conversacionais, nessa ação se dão também entre os praticantes, pois @ictiologiamuseunacional e Rocha conversam entre si.

Realizamos a mesma atividade no Facebook e o praticante Marcos se mostrou muito interessado em trocar conosco. Durante nossa conversa, ele não só identificou a flor, compartilhou seu conhecimento sobre o vínculo da mesma com os países, como também adicionou aos comentários um link para mais informações sobre a planta, como pode ser verificado na conversa a seguir.

Marcos Açafirão.

SAE - Museu Nacional Opa! É isso, Marcos! E de que modo o açafirão une os dois países? 😊

Marcos O Irã é grande produtor de açafrão. A Espanha também produz e é grande consumidor. Não tenho muita informação a respeito.

SAE - Museu Nacional Marcos é isso aí! O Irã é o maior produtor mundial de açafrão e a paella espanhola leva açafrão em sua receita. O açafrão é uma especiaria muito importante na culinária persa e seu nome quer dizer "ouro do deserto" nesse idioma.

SAE - Museu Nacional Você ou os demais seguidores conhecem o nome científico da planta?

Marcos *Crocus sativus*

SAE - Museu Nacional Marcos, se desejar, fique a vontade para falar mais sobre a planta no que diz respeito à classificação e características botânicas. 😊 📖

Marcos Farei melhor. Compartilharei uma referência. <http://www.phcogrev.com/article.asp...> **Crocus sativus L.: A comprehensive review...**

Marcos Parabéns pela postagem.

SAE - Museu Nacional Marcos mto legal o artigo!!! Mas não sabemos se todos aqui têm fluência em inglês. De qualquer forma, agradecemos muito! A espécie é da família das Iridaceae, certo?

SAE - Museu Nacional Parabéns pela contribuição!

Marcos Sim.

Marcos Iridaceae

SAE - Museu Nacional @Marcos vou corrigir! Verdade!

SAE - Museu Nacional Olá pessoal! Como nosso seguidor Marcos citou, essa é a flor do açafrão! O açafrão é esse filamento avermelhado na flor, nomeado pela botânica de "pistilo". O açafrão é uma das especiarias mais caras do mundo e seu consumo é muito apreciado no mundo todo. O Irã é o maior produtor mundial de açafrão (90%) e a paella espanhola contém açafrão em sua receita! 😊 Mas não o confundam com o açafrão-da-terra, ok?

Silva (2003, p. 53) lança mão da imagem do hipertexto para “expressar o perfil da sala de aula engendrada pela coautoria do professor e dos estudantes na construção da aprendizagem e da própria comunicação”.

Segundo o autor,

A sala de aula não mais centrada na figura do professor, possuidora permanente de diversos centros onde se dão a constante construção e renegociação dos atores em jogo. Nela, a aprendizagem se dá com as conexões de imagens, sons, textos, palavras, diversas sensações, lógicas afetivas e com todos os tipos de associações. Nela o professor não perde a autoria de mestre. De pólo transmissor ele passa a agente provocador de situações, arquiteto de percursos, mobilizador da inteligência coletiva.

A sala de aula inspirada no hipertexto permite que o cursista teça sua autoria operando em vários percursos e leituras plurais. A disponibilidade do diálogo com vários autores/leitores permite acesso e negociações de sentidos, ressignificando a noção de autoria. (SILVA, 2003, p. 54)

Silva (2003) nos ajuda a compreender que a mediação museal online, no contexto da Educação Museal Online, também deve lançar mão de oportunidades hipertextuais para fomentar trocas e negociações diversas, dentre elas a tessitura de ‘conhecimentossignificações’, oferecendo “múltiplas informações em imagens, sons e textos”, oportunizando “múltiplos percursos para conexões e expressões” com os quais os praticantes possam “contar no ato de manipular as informações e percorrer percursos arquitetados” e estimular os praticantes a contribuir “com novas informações e a criar e oferecer mais e melhores percursos, participando como co-autores” do processo (SILVA, 2003, p. 55). É justamente isso que o praticante Marcos faz ao enriquecer a hipertextualidade da conversa, compartilhando um link para novas possibilidades de tessituras. Desta forma, como nos alerta Silva (2003), estamos construindo uma rede, e não uma rota, em que são oferecidas possibilidades de envolvimento, de engendramento, de agenciamentos e estímulos à intervenção dos praticantes como coautores da aprendizagem. O autor (2003, 2012) nomeia e conceitua este movimento de disponibilizar conexões abertas e hipertextuais como um dos binômios/fundamentos da interatividade: a permutabilidade-potencialidade.

Como pode ser verificado em nossa conversa no Facebook, fizemos um ‘fechamento’ com as informações compartilhadas pelo praticante Marcos e por nós, mas oferecemos um novo caminho conversacional ao citarmos o açafrão da terra. Novas tessituras poderiam emergir a partir desse ponto, pois “É sempre importante agregar novos debates. Um novo enunciado, uma nova provocação, são sempre novos “pré-textos para mais e melhores debates” (SANTOS, 2019, p. 145).

As conversas aqui apresentadas e discutidas nos ajudam a compreender a sua centralidade nos ‘fazeressaberes’ da Educação Museal Online, assim como nos auxiliam, como personagens conceituais com os quais dialogamos, a entender um pouco mais e melhor os cotidianos das/nas redes sociais da SAE e seus praticantes seguidores, e a Educação Museal na/com a cibercultura.

Considerações Finais

Compreendendo o museu como rede educativa e espaço multirreferencial de aprendizagem, atravessado por múltiplos ‘conhecimentossignificações’ e experiências pessoais, as conversas constituem, portanto, um importante dispositivo de pesquisa-formação para/na Educação Museal Online, pois podem fazer emergir a pluralidade de conhecimentos, as múltiplas linguagens e sentidos acionados pelos praticantes culturais nas/com as múltiplas redes educativas que habitam/transitam revelando, assim, a heterogeneidade e a complexidade das/nas práticas educativas.

Nas conversas aqui apresentadas, os praticantes das redes sociais da SAE colaboraram em interatividade, compartilhando ‘conhecimentossignificações’ e emoções, tirando suas dúvidas por meio das narrativas de outros praticantes, marcando outros praticantes e compartilhando outras referências sobre as temáticas sugeridas por meio de perguntas disparadoras. A mediação museal online objetivou acionar e motivar a participação dos praticantes seguidores, fomentar e desenvolver as discussões e colaborações, estabelecer relações conversacionais entre os praticantes e oferecer pistas para o desenvolvimento da conversa. A interatividade é a marca central das conversas, pois se faz aberta, manipulável, polifônica e não centrada em um emissor único. A mensagem é produzida coletivamente e colaborativamente com os praticantes participantes, que não são tratados como receptores passivos, mas sim como coautores do conhecimento tecido em rede.

A SAE, portanto, inovou no campo da Educação Museal na/com a cibercultura ao ‘fazerpensar’ ações educativas museais online que forjam conversações com seus seguidores por meio da mediação museal online que fomenta a interatividade e a coautoria, potencializando “a democratização da informação, da comunicação e da aprendizagem entre indivíduos geograficamente dispersos” (Santos, 2019, p. 163), e reafirmando a potencialidade das redes sociais digitais como ambientes de compartilhamento e de produção colaborativa de conhecimentos, sentidos e de aprendizagens, como espaços multirreferenciais de aprendizagens (Santos, 2005, 2014, 2019; Santos, R., 2012) e de popularização online da ciência.

Referências

- ALVES, Nilda. Cultura e cotidiano escolar. **Revista Brasileira de Educação**, Campinas, n.23, p.62-74, maio-ago, 2003.
- ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho: o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa de; ALVES, Nilda. (orgs.). **Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas: sobre redes de saberes**. Rio de Janeiro: DP&A, 2008.
- ALVES, Nilda; ARANTES, Erika; CALDAS, Alessandra Nunes; ROSA, Rebeca Silva; MACHADO, Isabel. Questões curriculares e a possibilidade de sua discussão em cineclubes com professores: a questão religiosa na escola pública. **Visualidades**, v.14, n.1, p. 18-37, jan-jun, 2016.
- ALVES, Nilda. **Práticas Pedagógicas em Imagens e Narrativas: memórias de processos didáticos e curriculares para pensar as escolas hoje**. São Paulo: Cortez Editora, 2019.
- ANDRADE, N.; CALDAS, A.; ALVES, N. Os movimentos necessários às pesquisas com os cotidianos - 'após muitas conversas acerca deles'. In: Oliveira I. B.; Peixoto, L.; Sússekind, M. L. (Orgs). **Estudos do cotidiano, currículo e formação docente: questões metodológicas, políticas e epistemológicas**. Curitiba: CRV, 2019, p. 19-45.
- CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano. 1. Artes de Fazer**. Petrópolis: Vozes, 22a ed., 2014.
- COSTA, Andréa Fernandes; CASTRO, Fernanda; CHIOVATTO, Mila e SOARES, Ozias. Educação Museal. In: Instituto Brasileiro de Museus. **Caderno da Política Nacional de Educação Museal**. Brasília, DF: IBRAM, 2018.
- FERRAÇO, Carlos Eduardo; ALVES, Nilda. Conversas em redes e pesquisas com os cotidianos. A força da multiplicidade, acasos, encontros, experiências e amizades. In: RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de; SANCHES, Carmen (orgs). **Conversa como metodologia de pesquisa: por que não?** Rio de Janeiro: Ayvu, 2018.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 69a ed., 2019.
- GERMANO, Marcelo Gomes; KULESZA, Wojciech Andrzej. Popularização da Ciência: uma revisão conceitual. **Caderno Brasileiro de Ensino de Física**, v. 24, n. 1, p 7-25, abril 2007.
- IBRAM. Instituto Brasileiro de Museus. **Caderno da Política Nacional de Educação Museal**. Brasília, DF: IBRAM, 2018. Disponível em: <<https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2018/06/Caderno-da-PNEM.pdf>>. Acesso em: 24 jun 2022.
- MARTI, Frieda Maria. **A Educação Museal Online: uma ciberpesquisa-formação na/com a seção de assistência ao ensino (SAE) do Museu Nacional-UFRJ**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação, 2021, 298 p.
- PARRY, Ross. **Recording the Museum**. Digital Heritage and the Technologies of Change. New York: Routledge, 2007.

SANTOS, Edméa. **Educação online: cibercultura e pesquisa-formação na prática docente**. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação., 2005, 351p.

SANTOS, Edméa. **Pesquisa-formação na cibercultura**. Portugal: Whitebooks, 200p, 2014.

SANTOS, Edméa. **Pesquisa-formação na cibercultura**. Teresina: EDUFPI, 2019. E-book. Disponível em: <http://www.edmeasantos.pro.br/assets/livros/Livro%20PESQUISA-FORMA%C3%87%C3%83O%20NA%20CIBERCULTURA_E-BOOK.pdf>

SANTOS, Rosemary. **Formação de Formadores e Educação Superior na Cibercultura: itinerâncias de grupos de pesquisa no Facebook**. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015, 183 p.

SANTOS, Rosemary; CARVALHO, Felipe da Silva Ponte de; MADDALENA, Tânia Lúcia. Conversas Ubíquas via WhatsApp: Ambiências Formativas Multirreferenciais. In: PORTO, Cristiane; OLIVEIRA, Kaio Eduardo; CHAGAS, Alexandre. **WhatsApp e Educação: Entre mensagens, imagens e sons**. Salvador: EDUFBA, 2017.

SANTOS, Rosemary; RIBEIRO, Mayra R. F., CARVALHO, Felipe S.P. Educação Online: aprenderensinar em rede. In: SANTOS, Edméa O.; PIMENTEL, Mariano; SAMPAIO, Fábio F. (Org.). **Informática na Educação: cultura, sociedade, histórias e políticas**. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, 2019. (Série Informática na Educação, v.1) Disponível em: <<https://ieducacao.ceie-br.org//educacaoonline/>>. Acesso em: 28 jun 2022.

SILVA, Marco. Criar e professorar um curso online: relato de experiência. In: SILVA, Marco. **Educação Online**. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

SILVA, Marco. **Sala de aula interativa**. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

SKLIAR, Carlos. Elogio à conversa. In: RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de; SAMPAIO, Carmen Sanches. **Conversa como metodologia de pesquisa: por que não?** Rio de Janeiro: Ayvu, 2018, p. 11-13.

TOLENTINO, Átila Bezerra; CASTRO, Fernanda. Encruzilhadas entre a Educação Patrimonial e Museal: Histórico, Interfaces e Conexões. In: MAGALHÃES, Fernando; COSTA, Luciana Ferreira; HERNÁNDEZ, Francisca Hernández; CURCINO, Alan. (coord.) **Museologia e Patrimônio** vol 3, Leira: Instituto Politécnico de Leira, 2020. Disponível em: <https://www.ipleiria.pt/esecs/wpcontent/uploads/sites/15/2020/11/Livro_Volume3_Museologia_Patrimonio1.pdf>.

Revisores de línguas e ABNT/APA: *Frieda Maria Marti*

Submetido em 30/06/2022

Aprovado em 08/09/2022

Licença *Creative Commons* – Atribuição NãoComercial 4.0 Internacional (CC BY-NC 4.0)